

CRÔNICAS DO MEU LUGAR: REFLEXÕES METODOLÓGICAS SOBRE GEOGRAFIA E LITERATURA

Chronicles from my place: methodological reflections on geography and literature

Anthony de Padua Azevedo Almeida¹

RESUMO

Este trabalho desdobra-se de pesquisa que se propõe a construir possibilidades metodológicas para o uso da crônica literária na ciência geográfica. Os diálogos entre Ciência e Arte, Geografia e Literatura são apresentados em reflexões metodológicas sobre os seguintes aspectos: 1) o uso da crônica para a leitura sobre o espaço cotidiano e os lugares de vivência de autores literários; 2) o uso da crônica para a escrita sobre o espaço cotidiano e os lugares de vivência dos participantes da Oficina Crônicas do Meu Lugar, ministrada em 10/2021, com alunos do Ensino Médio, e em 10/2022, com participantes de semana geográfica universitária; 3) análise dos textos produzidos nas duas edições da oficina e 4) discussão sobre a produção de crônicas das geograficidades de uma jornada migratória.

Palavras-chave: Lugar. Crônica. Geografia Literária.

ABSTRACT

This paper unfolds from research that proposes to build methodological possibilities for the use of literary chronicles in geographic science. The dialogues between science and art, geography and literature are presented in methodological reflections on the following aspects: 1) the use of the chronicle to read about the everyday space and places where literary authors live; 2) the use of the chronicle to write about the everyday space and places where participants of the *Crônicas do Meu Lugar Workshop* are lived, given on 10/2021, with high school students, and on 10/2022, with participants of the geographic week university; 3) analysis of the texts produced in the two editions of the workshop and 4) discussion on the production of chronicles of the geographicities of a migratory journey.

Keywords: Place. Chronicle. Literary Geography.

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), campus Recife. anthonypaalmeida@gmail.com.

✉ Rua Acadêmico Hélio Ramos, s/n, Cidade Universitária, Recife, PE. 50740530.

INTRODUÇÃO

Relacionar-se com o espaço empírico é fundamental a quem se coloca para o desenvolvimento de uma pesquisa científica no campo da Geografia. Afinal, é a dimensão espacial a privilegiada nesta área do conhecimento. Assim, é comum que uma das primeiras estratégias da atividade seja a realização do trabalho de campo exploratório, procedimento metodológico efetuado por meio de uma visita (des)compromissada de quem pesquisa até a área e/ou sujeitos que serão pesquisados. Trata-se de uma etapa de familiarização com o espaço empírico, um passeio interessado ao recorte espacial analisado, que é comum e recomendável, indicam Ribeiro (1999), Turra Neto (2011) e Gomes (2019).

Meu¹ objeto de investigação neste trabalho e nos vindouros² é geográfico, mas também é literário. Na perspectiva literária, a crônica, um dos gêneros textuais da prosa, é o foco principal da pesquisa. No contexto geográfico, o lugar, nosso espaço próximo e povoado de afetos, é o conceito e a dimensão espacial privilegiada na análise. Diante deste par empírico, uma primeira questão se sobressai. Onde e como seria realizado o tal trabalho de campo exploratório? Eis uma questão metodológica que se evidencia, e que precisa de resolução, em um estudo calcado na interdisciplinaridade Geografia-Literatura.

Além desta questão metodológica, se levantam questões de ordem ontológica e epistemológica. É necessário discutir os elos que se constroem num objeto interdisciplinar. Há, nisto, questões

próprias à geograficidade e à espacialidade nos/dos lugares ou à (inter)textualidade na/da crônica, por exemplo. Há, também, diferenças entre espaço geográfico e espaço literário. Estes aspectos são importantes para a pesquisa maior que fundamenta este trabalho³. Aqui, entretanto, o aspecto metodológico é o priorizado na análise e na discussão, haja vista que foi um dos primeiros a se evidenciar como desafio da pesquisa.

Dito isto, trago à comunidade científica as discussões, procedimentos e resultados que desenvolvi, construí e obtive ao longo dos últimos três anos, os quais tenho dedicado à esta empreitada. Este material advém não só da pesquisa maior, incorpora também as múltiplas ações acadêmicas a ela interligadas. O objetivo deste artigo, então, é discorrer sobre alguns aspectos do diálogo entre Ciência e Arte, Geografia e Literatura que venho desenvolvendo. Adiante, há reflexões metodológicas sobre: 1) o uso da crônica para a leitura sobre o espaço cotidiano e os lugares de vivência de autores literários; 2) o uso da crônica para a escrita sobre o espaço cotidiano e os lugares de vivência dos participantes da **Oficina Crônicas do Meu Lugar**, ministrada em outubro de 2021, com alunos do Ensino Médio, e em outubro de 2022, com participantes de uma semana geográfica universitária; 3) análise dos textos produzidos nas duas edições da oficina e 4) discussão sobre a produção de crônicas das geograficidades de uma jornada migratória.

1 Ao longo da discussão, explicitarei a escolha da escrita em primeira pessoa do singular, aspecto da linguagem que é, inclusive, um dos resultados deste artigo.

2 Este artigo é fruto de uma das discussões que embasam a construção da minha tese de doutorado em Geografia, em andamento na Universidade Federal de Pernambuco, sobre geograficidade e crônica.

3 Dentre a bibliografia, sobretudo na área da Geografia, que aponta esforços reflexivos desenvolvidos sobre tais questões, destaco os trabalhos de Brosseau (2007; 2017), Marandola Jr. e Oliveira (2009), Cavalcante (2019), Fernandes (2020) e Hones (2022).

CRONISTAS PROFISSIONAIS, CRONISTAS AMADORES, CRONISTA-GEÓGRAFO

A escritora Clarice Lispector, insegura, no início de sua carreira de cronista, perguntou a Rubem Braga, principal nome da crônica brasileira⁴, como se fazia a coisa. A escritora, cronista do **Jornal do Brasil**, entre 1967 e 1973, achava que as suas estavam muito pessoais. Braga respondeu que é “[...] impossível fazer crônica sem ser pessoal. [E], embora temesse essa característica da crônica, foi ela que fez com que Clarice rapidamente conseguisse forte identificação com os leitores” (Fendrich, 2020, on-line). Eis uma característica do gênero: a **pessoalidade**. Nele, episódios da vida de quem escreve são bastante explorados:

Encontrei Ivan Lessa na fila de lotação do bairro e estávamos conversando quando Ivan se espantou e me disse: olhe que coisa esquisita. Olhei para trás e vi, da esquina para a gente, um homem vindo com o seu tranquilo cachorro puxado pela correia. Só que não era cachorro. A atitude toda era de cachorro, e a do homem era a de um homem com o seu cão. Este é que não era. Tinha focinho acompridado de quem pode beber em copo fundo, rabo longo e duro –poderia, é verdade, ser apenas uma variação individual da raça. Ivan levantou a hipótese de quati, mas achei o bicho muito cachorro demais para ser quati, ou seria o quati mais resignado e enganado que jamais vi. Enquanto isso, o homem calmamente vindo. Calmamente, não; havia uma tensão nele, era uma calma de quem aceitou luta: seu ar era de um natural desafiador. Não se tratava de um pitoresco; era por coragem que andava em público com o seu bicho. [...] Só depois entendi que minha atrapalhão não era propriamente minha, vinha de que aquele bicho já não sabia mais quem ele era, e não podia, portanto, me transmitir uma imagem nítida (Lispector, 2012, p. 24).

⁴ Para saber mais sobre a importância de Rubem Braga para a crônica brasileira, ver Simon (2011).

Na crônica “**Um amor conquistado**”, citada acima, Clarice Lispector expõe, numa escrita em primeira pessoa, alguns aspectos daquele dia do seu cotidiano. Ela encontra um amigo, que esperava um transporte, e se põem a conversar. Ambos observam o homem que passeia com o animal e, a partir disso, a crônica vai da narração à reflexão sobre o fato curioso. Vê-se, neste trecho, mais aspectos textuais significativos, a **observação do cotidiano** e a reflexão sobre a **experiência vivida**, fatos que instigam a escrita da cronista.

Negritados nos parágrafos anteriores: a personalidade, a observação do cotidiano e o registro da experiência vivida são expedientes comuns à crônica brasileira (Candido, 1980; Simon, 2011). Sendo eu geógrafo e cronista, meu primeiro trabalho de campo exploratório, de um projeto de pesquisa que ainda nem era um embrião, e que eu ainda não imaginava que desembocaria num trabalho de doutorado⁵, foi perceber que estes três aspectos apresentam uma intensa relação com a noção geográfica de lugar.

Outros cronistas, a depender do seu percurso estilístico, desenvolveram os seus trabalhos com base no forte registro dos significados construídos a partir de suas experiências de vida no espaço-eu, incluso. Antônio Maria, cronista, radialista e compositor foi um deles:

A infância no Recife é um dos tempos fortes da prosa de Antônio Maria. As crônicas em que rememora a terra natal são significativas a ponto de constituir um núcleo importante, destacando uma veia memorialística relevante para cristalização de um estilo literário abertamente confessional, numa linguagem mesclada de temperos, notações líricas e sociais, pitadas de afeto e agressividade (Tauil, 2020, p. 5).

⁵ Comecei a escrever e compartilhar minhas crônicas em 2015. O meu curso de doutorado iniciou-se em 2022. Antes do doutorado, não escrevi trabalhos científicos sobre Geografia e Literatura. Minha obra cronística, até então, apesar de influenciada por minha formação, era uma prática apenas artística.

A experiência vivida e guardada na crônica, neste aspecto da obra de Maria, vai além da escrita sobre o presente. A memória, sobretudo a de infância, ganha relevância em sua prosa e mostra como a cidade do Recife é um lugar para o autor. Têm-se, aí, mais um aspecto que entrelaça crônica e lugar, a **memória**. O Recife, em especial sob as chuvas de setembro, é um intenso centro de significado para Antônio Maria, conforme se lê na crônica **Eis tudo**:

Voltaram as chuvas e, com elas, o jardim ficou, de repente, antigo. Antigo e bom para mim, porque todas as coisas antigas foram boas para mim. Ou, se não foram, o tempo as passou a limpo. Tenho [no Rio de Janeiro, onde vivia em 1963, ano deste texto] um jardim verde, entre muros velhos, como são os jardins da Madalena no Recife. [...] A infância que me visita. Pode entrar. A casa é sua. [...] É triste a morte dos brinquedos. Todos os meus brinquedos morreram na chuva. Uns de ferrugem, outros se descolaram. Todos os meus brinquedos viveram pouco, em setembro, sob a chuva do Recife, principalmente no dia dos anos do meu irmão (Maria, 2021, p. 184-185).

Clarice Lispector, morta em 1977, e Antônio Maria, em 1964, escritores e cronistas profissionais, deixaram importantes registros sobre os seus espaços cotidianos e lugares de vivência. São notas que, via Literatura, são acessados em 2023, de onde escrevo este artigo. Eu, no meu processo artístico, ainda como cronista amador, em 2015, vi na prosa dela e dele – e na de inúmeros cronistas – que seria agradável conservar o meu cotidiano e alguns dos meus lugares em minhas primeiras crônicas. Com esta decisão, eu ainda não sabia, mas já estava fazendo o meu primeiro trabalho de campo da pesquisa de doutorado, que entrelaça geograficidade, lugar e crônica.

Para Turra Neto (2011), os trabalhos de campo, incluso os exploratórios, que embasam uma investigação científica, e a maneira como eles se efetuam, são determinantes para a produção

da pesquisa e para a qualidade dos seus resultados. Sobre esta ferramenta metodológica, Ribeiro (1999) valoriza que o pesquisador deve se envolver com o seu objeto. Meu primeiro envolvimento, portanto, se deu com a leitura e a prática da escrita da crônica e, além disso, com a escolha dos temas que eu decidi abordar na minha produção.

Quando comecei a cronicar – permitam-me o neologismo –, eu havia acabado de me mudar de Recife/PE para Presidente Prudente/SP. Era início do mestrado. No período, morei com docentes em formação, um em Artes Visuais, outro em Literatura. Nossos diálogos me levaram a experimentar a leitura do gênero textual. Da leitura à prática, passaram-se poucos dias e, desde então, registro experiências e trajetos pelo espaço. A crônica tem sido recurso de superação do simples relato para o uso duma linguagem estilística e literária.

Em março de 2015, resolvi ser cronista das minhas geograficidades e espacialidades. Apesar de geógrafo, com licenciatura concluída e mestrado em andamento, eu sabia quase nada dessas duas noções. Sabia de espaço, investigava região, conectava cidades médias numa rede urbana não hierárquica e tentava entender a globalização. Todos esses saberes, porém, foram insuficientes para que eu englobasse os meus lugares e vivências.

Minha primeira crônica foi sobre o deslumbramento pelo gênero e pela linguagem que encontrei para exprimir o que vivia, sentia e queria registrar. Minha mudança de Recife para Presidente Prudente não foi a primeira mudança de cidade e de casa, mas foi quando me vi mais distante de tudo o que conhecia e dos meus lugares anteriores. A crônica, neste contexto, virou meu refúgio e compulsão. Tornou-se o leito dos meus rabiscos diante de pequenas apreciações sobre a vida cotidiana e sobre minhas andanças pelas ruas da rua e da alma.

O primeiro estranhamento foi sobre as casas de tábuas que eu cruzava no percurso da minha casa – de alvenaria – à universidade. Minha primeira crônica teria sido sobre elas, se o encanto pela prosa de Rubem Braga não tivesse sido gigante. Foi a segunda (Quadro 1).

Daí em diante, segui escrevendo e compartilhando os meus textos e sensações vividas pelo espaço. Fui cronista amador e sigo rumando para cronicar profissionalmente. Carrego a experiência de ter escrito para rede social, jornal, revista e cordel. Sou, inclusive, cronista publicado em livro⁶. Lauren Elkin (2022, p. 152) disse que “[...] durante dois anos, em vez de escrever minha tese de doutorado, escrevi um romance sobre Veneza”. Se fosse eu o escritor deste texto–constatação, seria assim: durante uns bons anos, em vez de escrever minha dissertação de mestrado, escrevi uma centena de crônicas sobre o oeste paulista.

Afinal, concluí a dissertação, aprendi que é possível fazer crônica e ciência em paralelo, sem a necessidade de ser um em vez do outro. Sou pesquisador acadêmico, fiz Geografia na pesquisa científica universitária e também fiz Geografia com meu corpo, minhas vivências e minha Literatura, pois, “[...] mesmo na manhã de sábado, ainda sou um geógrafo. A geografia está em toda parte” (Cosgrove, 1998, p. 220). Está, Denis Cosgrove. Eu vejo muito dela na crônica. Tanto que, seis anos e mais de 150 crônicas depois de *Casa de madeira*, parti para o desenvolvimento do segundo trabalho de campo exploratório desta pesquisa.

⁶ Meu primeiro livro de crônicas saiu em 2023, no qual está publicado este texto. Sua versão preliminar foi postada em abril de 2015, numa página do Facebook, atualmente inativa.

Quadro 1 – Minha segunda crônica. 2015.

Casa de madeira

Presidente Prudente/SP. Abril, 2015.

Aqui há muitos bairros jardins, bairros parques e bairros vilas, para não dizer quase todos, mas foi numa estância que me veio o estalo para contemplar as casas de madeira deste oeste paulista. Uma singela chácara com vacas, galinhos e galinhas garnisés, uma égua, dois cachorros – Fubá e Mina – e muitas árvores, algumas frutíferas. Limoeiros, laranjeiras, urucuzeiros e caquizeiros. E, sim, rolou a piada...

– Eita, que tanto caqui! – exclamei apontando um balde lotado de frutas suculentas.

– Soca aqui!

– É o quê?

– Só caqui! – reagiu uma voz serelepe e risonha.

Caquizeiros e urucuzeiros que tive o primeiro contato direto ali, na estância. Primeiro contato não apenas com as árvores, mas também com as palavras-árvores.

Além destes, vi, pela primeira vez, três semanas atrás, outras casas de madeira. Rosa, marrom, bege, marfim. Vila Santa Helena é o bairro. Passo por elas quase todos os dias. As formas são bem rústicas e diferentes para os meus olhos, que já viram casas de alvenaria, pau-a-pique, tapume, gesso, até mesmo madeira, mas não assim.

Ripa, tábua, ripa, tábua, ripa, tábua, ripa, janela, ripa, tábua, ripa, tábua, ripa, tábua, ripa, pregadas na vertical, nesta sequência, e está feita uma das paredes do quarto com vista para a rua ou para o sítio. O seu alicerce é de cimento e tijolo, portanto, o lobo mau não

conseguiria derrubá-la com o seu sopro violento. Diferente da história porcina, nestas casas estão famílias ou grupos de estudantes, e não indivíduos solitários. Afora isso, parece que a habitação, comparada às construções de alvenaria, é mais calorosa no inverno frio e mais refrescante no verão quente. Boas vantagens!

As tais casas começaram a ser construídas lá pela primeira banda do século XX, no período inicial de ocupação do território, e foram feitas com árvores retiradas diretamente da Mata Atlântica daqui da região, descobri. Mas apenas algumas poucas restaram na cidade. Outras no campo. Muitas estão concentradas numa rua, que tenho passado todos os dias. Durante esse passa-passa, sempre tento contar, entremeadas com as casas de cimento, quantas elas são. Todas as vezes perdi a conta. Devem ser treze ou quinze aprazíveis casebres. Estão na medula da cidade. Talvez por isso o nome da via seja Rua Bela.

Mais duas coisas supimpas ainda valem ser mencionadas. Numa delas, a da estância, é possível provar um quitute lusitano conhecido pelo nome de Filhós, que tem até sobrenome, ganhando a graça de Filhós da Beira Baixa. O tal petisco é delicioso e se você o lambuzar no doce de leite vai sentir gosto de sonho! Bem bom!

Ainda assim, a coisa mais importante e que mais me cativou nestas simpáticas moradas—e digo isso sem dúvida alguma—é a possibilidade de colocar muitos pregos nas paredes. Parece até que foram feitas justamente para isso: bater o martelo sem entortar o prego vinte e cinco vezes antes de acertar a mira e o prumo. Êlaiá! É só aproveitar e espalhar centenas de penduricalhos por toda a casa que ela é de madeira.

Anthony Almeida

Fonte: Almeida, 2023.

Em 2021, eu já sabia que gostaria de investigar os possíveis diálogos entre Geografia e Literatura. Assim, durante a construção do projeto da pesquisa, investi na elaboração de uma oficina de leitura e escrita que colocasse em análise o uso da crônica como um recurso para o desenvolvimento da escrita sobre o lugar.

CRÔNICAS DO MEU LUGAR EM CURSO⁷

Diante do horizonte de diálogo entre Geografia e Literatura e, especificamente, com a adoção do conceito de lugar, que trata do espaço cotidiano, e do gênero textual crônica, que trata da produção de escritos sobre o cotidiano, realizei uma oficina sobre crônica e lugar com alunos do Ensino Médio. Em 2021, eu atuava como professor de Geografia numa escola particular, em Presidente Venceslau/SP. Lá, criei a **Oficina Crônicas do Meu Lugar**. A atividade me possibilitou desenvolver reflexões didáticas, e mesmo epistemológicas, que me auxiliaram na fundamentação e elaboração do projeto desta pesquisa.

Em Almeida (2022a) reuni e apresentei as diversas contribuições didáticas que a atividade pode proporcionar ao ensino de Geografia. A atividade, porém, não se limitou à uma prática de educação geográfica. A análise do uso da crônica para a escrita sobre o espaço cotidiano e os lugares de vivência dos participantes da oficina foi, também, um procedimento fundamental para verificar a viabilidade desta pesquisa. Ante a

⁷ A maior parte das considerações desta seção foram apresentadas inicialmente em Almeida (2022a). Reúno-as aqui pois o texto deste trabalho foi compartilhado apenas em formato de comunicação oral, sem que houvesse produção de anais do evento. Assim, compartilho as reflexões desenvolvidas, desta vez por escrito, com a comunidade científica através deste trabalho.

inquietação, inicialmente pessoal, explorei o uso da crônica para além da escrita das minhas vivências. Usei-a como metodologia nas aulas de Geografia e parte integrante da elaboração do projeto de tese.

A primeira edição da **Oficina Crônicas do Meu Lugar** teve como objetivo a realização de leitura e produção de crônicas, com alunos do Ensino Médio, e a investigação de como a dimensão espacial é representada nos textos lidos e produzidos pelos alunos, utilizando-se a crônica como um recurso metodológico interdisciplinar para o aprendizado. A atividade propiciou o contato dos discentes com um gênero literário que se efetua em um tipo de texto curto e capaz de atrair e incentivar a leitura e a escrita por sua simplicidade e diálogo com o cotidiano dos alunos e da própria cidade, o recorte geográfico selecionado para a atividade.

A oficina se deu em quatro encontros. As atividades ocorreram nas tardes da segunda, quarta e sexta, com mais um encontro noutra segunda-feira, das 15h às 17h, no Colégio Venceslauense, em Presidente Venceslau/SP. O cronograma de trabalho foi: o 1º encontro, em 04/10/2021, teve início com a apresentação dos objetivos da oficina, a discussão foi sobre o que é a crônica. No 2º encontro, em 06/10/2021, se efetuou a discussão sobre o que é lugar e sua importância geográfica. Durante os encontros houve leitura de crônicas ao longo das discussões. No 3º encontro, em 08/10/2021, realizamos trabalho de campo com



Figura 1 – Colégio Venceslauense, Oficina Crônicas do Meu Lugar, 2021
Fonte: Acervo do autor – Foto de Lívia Souto Tadioto, 2021.

passeio pelo centro da cidade. Por fim, no 4º encontro, em 18/10/2021, dez dias após o trabalho de campo, houve leitura e análise das crônicas escritas pelos participantes da oficina (Figura 1).

Para a turma, composta por três alunas do 2º ano do Ensino Médio e dois alunos do 3º ano do Ensino Médio, desenvolvi uma apostila teórica sobre a crônica e a noção de lugar. Além disso, o material tinha orientações para o trabalho de campo e um caderno de crônicas, composto por 30 textos. Mesmo que impressos na apostila, optei por levar os livros que continham as crônicas do material. Nisso, a turma teve a oportunidade de manusear, ler e discutir a partir do próprio volume original.

Apresento adiante as breves reflexões teórico-metodológicas debatidas com os alunos antes que estes produzissem seus próprios textos. Na segunda edição da oficina, a base do material seguiu a mesma. A discussão, porém, foi mais aprofundada, sobretudo no debate geográfico, visto que se deu num ambiente

universitário voltado à Geografia. Realizada entre 18 e 20 de outubro de 2022, a edição contou com a presença de participantes da XXII Semana de Geografia da Universidade Estadual Paulista, campus de Presidente Prudente.

A crônica é um gênero textual de escritos breves e linguagem acessível, o que permite uma leitura agradável. Em geral, o texto é sobre fatos cotidianos e parece uma conversa despretensiosa entre cronista e leitor. Costumam ser assuntos o trivial, fatos noticiados, observações, situações do dia a dia, críticas sociais, episódios sentimentais e até o ato de escrever. Uma crônica de jornal deve entreter quem a lê, para tanto, usa linguagem atraente e abordagem textual cheia de personalidade. O hibridismo marca o gênero e as principais influências do jornalismo na crônica relacionam-se à observação do real e à escrita ágil. Da literatura, a crônica carrega o estilo criativo e os recursos estilísticos empregados por quem a escreve, o que permite longevidade ao texto (Simon, 2011).

A crônica primitiva registrava fatos históricos em ordem cronológica e é diferente da contemporânea. Na imprensa brasileira, desde o século XIX, o gênero passou a registrar o circunstancial por um narrador atento ao público dos jornais. Assim, misturava-se jornalismo e literatura, fato determinante no tamanho do texto, adaptado ao espaço disponível no papel. Na época, o texto saía numa espécie de rodapé do jornal, que veiculava contos, poemas e artigos sobre os fatos diários. Este espaço recebia o nome de folhetim (Sá, 1985).

Posteriormente, com a evolução do gênero sua prática por diversos autores, do banal registro formal, ou do fragmento de ficções, a crônica ganhou tons narrativos que vinham da imaginação do cronista, tudo considerado pelo ângulo da interpretação e da (re) criação literária (Sá, 1985). No fim do século XX, a crônica perdeu força

nos jornais, que abriram espaço para os artigos de opinião. No século XXI, contudo, com a internet, a crônica se renovou e passou a ser publicada em sites, blogs e redes sociais (Simon, 2011).

O conceito de lugar, na Geografia, se trata de uma noção que põe em perspectiva o espaço percebido e vivido (Souza, 2013). Para Tuan (2018), o lugar deve ser considerado através da experiência, pois é por ela que uma pessoa conhece e sente seu mundo. Ao se pensar na conexão entre a crônica e a cidade, há amplo elo entre o gênero e o urbano.

Além de se desenvolver associado à imprensa e ao jornal, empreendimentos essencialmente urbanos, seus autores, na grande maioria, são homens urbanos. O cronista “trata-se de alguém que vive na cidade, [...] escreve sobretudo para pessoas da cidade, pessoas que, como ele, também conectam cotidiano e asfalto. [...] A cidade [é tida] como o lugar em que as coisas efetivamente acontecem” (Simon, 2011, p. 116-117).

O trabalho de campo foi efetuado apenas com a turma da primeira edição da oficina. Na segunda edição, os participantes recorreram às suas vivências significativas por meio da memória. A atividade com a turma consistiu em flunar pelas ruas de Presidente Venceslau, nossa cidade-lar, portanto, nosso lugar. Para explicar a ideia de flunar, nova aos estudantes, usei um trecho de crônica minha, publicada no Jornal Tribuna Livre:

A cidade não é tão grande para que seja impossível ir para casa andando. Portanto, vou! Venceslau, com isso, ganha seu próprio *flâneur*. Paris trouxe ao mundo este personagem, um tipo de vagabundo que perambula descompromissadamente pela cidade e registra suas impressões. Aceitei a vaga de *flâneur*, mas não sou desocupado. Logo, minha desculpa para perambular é dizer que ir para casa andando, depois do trabalho, faz bem para a mente e para a barriga (Almeida, 2021, p. 2).

Expliquei: flunar não é difícil, basta passear pelas ruas e descobrir caminhos, sem se preocupar com muita coisa, apenas sentindo e experienciando o lugar. O passeio foi guiado por roteiro, partimos do colégio e visitamos o Centro, caminhamos pela praça Nicolino Rondó, visitamos a Estação Ferroviária e, por fim, andamos pelas ruas comerciais, em retorno à escola. Prestamos atenção ao nosso mundo vivido, desde a vizinhança da escola ao centro da cidade. No passeio, salientei a importância de se estar com os sentidos ativos para a observação participante, daí, anotações foram efetuadas para a escrita de uma crônica.

NÃO-CRONISTAS ESCREVEM OS SEUS LUGARES

Nos encontros de ambas as edições da oficina, lemos algumas das trinta crônicas disponíveis na apostila. O contato com os textos permitiu a observação do que é crônica e do que é lugar transcrito. No último encontro, lemos e discutimos os textos produzidos com o grupo e analisamos a representação espacial feita pelos alunos.

Nesta etapa, visualizamos o protagonismo dos estudantes do Ensino Médio enquanto produtores de uma crônica e como habitantes do lugar Presidente Venceslau, representado nos diversos textos, com as nuances mais variadas e carregadas de personalidade. Já nos textos produzidos na segunda edição, o destaque foi a memória, usada como recurso pessoal para a preservação de experiências e significados associados a um determinado lugar. Os textos foram entregues sem a identificação do autor e foram lidos diante do grupo,

estabelecendo-se, então, uma troca sobre aspectos textuais e geográficos das obras. Para uma participante (A.), a oficina foi uma iniciativa que contribuiu para seu aprendizado:

Sempre gostei muito de escrever, porém sempre com maior foco em textos dissertativos. Conhecer e aprender a produzir crônicas foi algo que abriu minha mente, aprendi muito sobre **observação** e **sensibilidade**, é algo que vou levar para a vida (Jornal Tribuna Livre, 2021, p. 4 – grifos do autor).

Observar e sentir. Estas duas ações foram destacadas pela discente. Em sua crônica, A. destacou justamente os dois aspectos: descreveu o que viu e sentiu durante o passeio como *flâneur*. Ou melhor, *flanêuse*. E mais, acionou dois outros recursos. O primeiro artifício usado foi o conhecimento racional que construiu ao longo de seus 16 anos de vida a respeito da cidade, com destaque para uma praça, o espaço retratado em seu texto. No segundo, recorreu à memória, visto que era nela que estavam guardadas algumas das experiências mais significativas dentre as que viveu naquele espaço-lugar (Quadro 2).

Quadro 2 – Crônica da participante A. 2021.

Essa praça... (fragmento)
Presidente Venceslau/SP. Outubro, 2021.

O coração de Presidente Venceslau é uma praça, ou pelo menos é isso que as crianças e jovens daqui pensam. Nicolino Rondó é o seu nome, e é aqui que estou flinando pelo lugar que faz parte da minha história. O chão é dividido em quadrados pretos, brancos e vermelhos, o tempo se encarregou de desgastar a tinta, mas não de apagar as lembranças de todas as crianças que escolhiam uma cor e só pisavam nela. Aqui eu aprendi a andar de patins e explorei cada lugar como que em uma volta ao mundo, em cima da minha *bike*.

A.

Fonte: Trabalho de campo. 2021.

Presidente Venceslau e Nicolino Rondó são nomes de pessoas, patronos de lugares, que para A. foram aprendidos pelo conhecimento racional. Descrever que a praça Nicolino Rondó é o coração da cidade, porém, é parte da sua experiência de vida e dos significados que construiu para aquela parte da cidade. Remetendo-se ao argumento de Tuan (2018, p. 6), de que “[...] os lugares são conhecidos tanto diretamente, através dos sentidos, quanto indiretamente, através da mente”, o que se lê no texto é uma conjunção destes aspectos. A própria escrita da crônica, inclusive, acrescentou uma camada de significados para este lugar. Essa geosofia de A., antes guardada na memória, hoje pode ser acessada por este texto.

Ao ver o chão da praça, ela não observou só os seus aspectos materiais e o fato de ter o piso dividido em quadrados pretos, brancos e vermelhos. Naquele piso tricolor, para A., se construiu o lugar em que ela, quando criança, brincou de pular de quadrado em quadrado, aprendeu a andar de patins e deu “voltas ao mundo” com a bicicleta. Foi, então, na Nicolino Rondó – e através dela –, que A. expandiu o seu horizonte geográfico via experiência.

Sobre a construção dos lugares via exploração do espaço, no caso das crianças, Tuan (1983) discorre sobre situações que certamente dialogam com as vivências de A.

O horizonte geográfico de uma criança expande à medida que ela cresce, mas não necessariamente passo a passo em direção à escala maior. Seu interesse e conhecimento se fixam primeiro na pequena comunidade local, depois na cidade, saltando o bairro; e da cidade seu interesse pode pular para a nação e para lugares estrangeiros, saltando a região (Tuan, 1983, p. 35).

Como se vê no caso de A., momentos significativos de sua infância, o aprendizado na bicicleta, por exemplo, se deu não

em sua comunidade local, mas na praça-corção da cidade. Não foi no bairro que A. deu “voltas ao mundo”. É presumível que os seus passeios

Quadro 3 – Crônica do participante M. 2022. Fonte: Trabalho de campo. 2022.

A vida é bela: choro na hora errada, Coca-Cola e crianças no “lugar” errado

Presidente Prudente/SP. Outubro, 2022.

Você provavelmente já presenciou algum amigo ou conhecido chorando depois de apresentar o famigerado TCC. Se você já concluiu um curso superior, você provavelmente já foi o amigo ou conhecido que chorou de alívio, felicidade, e orgulho de si após ouvir de uma banca um sonoro “aprovado”. Sim, é absolutamente comum e aceitável que essas lágrimas apareçam nesse momento. Há quem diga, inclusive, que incomum é se elas não aparecerem.

Mas e durante a defesa, enquanto ouve e responde as arguições da banca, você já viu? Não, né?! Nem eu... até porque, quando aconteceu, meus olhos cheios d’água não me permitiram ver nada.

O ano era 2016, e eu um estudante de Geografia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), em Marabá, finalizando a graduação. Minha monografia era sobre a produção da cidade a partir das ocupações, era sobre favelas (temática essa escolhida só por causa de uma letra do Chico Science, mas isso é uma outra história...). Dentre os tantos bairros desse tipo na minha cidade, elegemos, eu e meu orientador, um com um nome um tanto diferente. Perceba que eu não disse que é uma palavra diferente, ao contrário, talvez seja uma das palavras mais famosas do mundo... Mas é só em Marabá que ela dá nome a um bairro: “Coca-Cola”, ou apenas “Coca”, para os íntimos.

Esse nome, que apesar de não ser mais o oficial, ainda é muitíssimo utilizado. Ele foi dado por conta da proximidade da entrada da

ocupação, em seu início, com um prédio onde já funcionou, até a década de 1990, uma fábrica da Coca-Cola e onde, ainda hoje, há uma distribuidora da marca de refrigerante. Era a “invasão da Coca-Cola”.

No período da pesquisa, eu, esforçado aspirante a geógrafo, estava sempre por lá. Nos meus quase intermináveis trabalhos de campo, aplicava dezenas de formulários nas casas, fotografava ou apenas conversava com as pessoas. Queria entender todo o processo de transformação de uma antiga fazenda improdutiva em um bairro, e como as necessidades das pessoas desse bairro eram supridas.

Em uma dessas conversas, com uma moradora pioneira, ela me contou sobre como era a escola no bairro, onde ela, inclusive, trabalhou. Me disse que, por anos, a escola do bairro era em uma instalação construída a partir do que restou do curral da antiga fazenda.

Sim, a escola funcionava na estrutura do antigo aprisco leiteiro da fazenda que precedeu o bairro. Segundo o relato, as paredes eram de madeirite e o teto de zinco. Foi tudo o que conseguiram fazer para ter um espaço para ensinar as crianças. Na ocasião, tudo o que o governo municipal fez, diante da necessidade, foi disponibilizar a transferência de profissionais da secretaria de educação, que moravam no bairro, para que atuassem na escola improvisada. A história me tocou profundamente. Eu, porém, não perguntei se ainda existia esse curral com paredes de madeirite e teto de zinco. Àquela altura, a escola já funcionava em um prédio decente.

Certo dia, andando pelo bairro, me deparei com uma “construção” com aparência de abandonada que me remeteu à história. Perguntei para alguns moradores e tive a confirmação, era a tal “escola-curral”, como era chamada. Não me contive em olhar por fora, tive que dar um jeito de entrar. Quando adentrei, o que vi me atravessou mais fortemente que a história que eu havia escutado. O novo prédio da escola, com o mínimo de dignidade, muito provavelmente foi inaugurado no período dos festejos juninos, pois a pequena escola

improvisada foi abandonada completamente enfeitada. Sob muita poeira e teia de aranha, e sobre paredes de tapume pregados em uma tradicional estrutura de curral, era possível ver em cada correntinha de papel de jornal, em cada bandeirinha de revista, em cada balão de cartolina, o cuidado e dedicação das professoras para transformar aquele lugar insalubre e extremamente inadequado, em uma escola, para levar algo de lúdico para aquelas crianças já tão maltratadas pela realidade imposta.

Me peguei chorando, talvez por ver as condições em que as crianças estudavam, talvez pela resiliência dos profissionais que ali trabalhavam... Aquela tentativa de beleza no horror, aquele esforço de manter uma brasilidade para quem e onde o Brasil não deu nada – nem o nome –, me lembrou, ainda que com toda a distância e tomadas todas as devidas proporções, o filme “A vida é bela”, de Benigni. Talvez para aquelas crianças, em alguns momentos, a vida fosse mesmo. E, com certeza, para aquelas “tias” era difícil fazer com que ali houvesse beleza. Parafraseando Euclides da Cunha, o professor brasileiro é, antes de tudo, um forte.

Obviamente eu não poderia ignorar essa história e a coloquei no texto. Segui trabalhando na pesquisa, até que chegou o tão esperado dia da defesa. Eu estava preparado para tudo, para ouvir quaisquer críticas e perguntas por parte da banca, eu só não queria uma coisa, que tocassem no assunto da escola-curral, porque aí o choro seria certo e você sabe, “homem não chora”, e se chora é só depois do “aprovado”.

Não coloquei nada a respeito na apresentação, mas a história não atravessou só a mim e uma professora fez questão de mencionar acompanhada de uma pergunta da qual não me recordo e que muito provavelmente a voz embargada e as lágrimas responderam por mim.

Aah, e depois do “aprovado” eu não chorei. Vai entender...

M.

de bicicleta e patins também tenham ocorrido em sua rua ou no seu bairro. É na cidade, representada pela praça central, porém, que ela expande o seu mundo vivido.

Outro registro de experiência espacial e elo afetivo construído por um espaço lugar é visto na crônica do participante M., que esteve presente na segunda edição da oficina. Adulto e estudante de pós-graduação, na área da Geografia Urbana, ele escolheu, a partir de uma memória, o registro de uma vivência vinda de sua atividade de pesquisador. Além disso, considerando que a oficina se deu na cidade de Presidente Prudente, interior de São Paulo, foi por meio das reminiscências que M. revisitou Marabá, no interior do Pará (Quadro 3).

Se a favela Coca-Cola já era um lugar para M., com a experiência vivida diante da escola-curral, o que se vê é a ampliação dos significados construídos em relação a aquele lugar. Ora, se o “[...] espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado”, conforme detalha Tuan (1983, p. 151), as lágrimas do autor–geógrafo, mas não-cronista–mostram enfaticamente o quanto a experiência foi significativa para ele.

M. argumentou que procurou participar da 2ª edição da **Oficina Crônicas do Meu Lugar** com o objetivo de trabalhar a sua escrita. Seu interesse foi o de aprender técnicas e conhecer um gênero textual que o permitisse expressar sensações como esta que o comoveu. M. queria expressar as suas geosofias de maneira que o texto produzido gerasse, se não o mesmo, um sentimento muito semelhante ao que mexeu consigo. (Leitor/a, ele conseguiu fazer isso?).

O texto de M. tocou numa questão valiosíssima para Eric Dardel (2015) que, ao ler um relato do geógrafo Vidal de La Blache, sobre a floresta do Vosges, valorizou a construção do conhecimento geográfico por meio do uso de uma linguagem que ajude a iluminar o objeto de estudo. Para ele, “o rigor da ciência não perde nada ao confiar sua

mensagem a um observador que sabe admirar, selecionar a imagem justa, luminosa, cambiante. Ele somente dá ao termo concreto seu amparo e sua medida” (Dardel, 2015, p. 3). E mais:

[...] a linguagem do geógrafo sem esforço transforma-se na do poeta. Linguagem direta, transparente, que ‘fala’ sem dificuldade à imaginação, bem melhor, sem dúvida, que o discurso ‘objetivo’ do erudito, porque ele transcreve fielmente o ‘texto’ traçado sobre o solo (Dardel, 2015, p. 3).

Não é só Dardel que valoriza tal aspecto. Yi-Fu Tuan, ao longo de sua carreira, orientou que o geógrafo se dedicasse a um trabalho atencioso com o uso da linguagem. Tim Cresswell, ex-orientando de Tuan, escreveu um réquiem na ocasião de sua morte, ocorrida em 10 de agosto de 2022, e ressaltou este aspecto em sua postura como pesquisador e orientador:

Yi-Fu me ensinou muitas coisas. Ele insistiu que eu escrevesse de uma forma que fosse atraente e inteligível para um público educado em geral, e não apenas para a minha banca de doutorado. Ele apontou quando eu estava fazendo o contrário. Ele sempre me trazia de volta às grandes questões geográficas de espaço, lugar, paisagem e mobilidade—questões que tenho buscado, desde então, como aspectos fundamentais do que é ser humano na Terra. [...] Ele me deu permissão, por meio de seu exemplo, para conduzir pesquisas e escrever de maneiras que não eram fáceis de ensinar em um curso de método. [...] Sou grato a Yi-Fu por essas lições e muitas outras (Cresswell, 2022, on-line).⁸

8 Tradução livre do original: “Yi-Fu taught me many things. He insisted that I write in a way that would be appealing and intelligible to a general educated audience rather than just my PhD committee. He pointed out when I was doing otherwise. He kept bringing me back to big geography questions of space, place, landscape, and mobility – questions I have pursued ever since as fundamental aspects of what it is to be human on earth. [...] He gave me permission, through his example, to conduct research and writing in ways that was not easy to teach in a methods course. A considered life was Yi-Fu’s version of fieldwork. I am grateful to Yi-Fu for these lessons and many more besides”.

Quadro 4 — Crônica minha. 2022.

Sonoridades deleitáveis da casa

Presidente Venceslau/SP. Fevereiro, 2022.

Entre 1959 e 1962, Paulo Mendes Campos acertou sua audiência com duas crônicas em lista. Uma de coisas abomináveis, outra de deleitáveis. Terminou a segunda com “fazer a própria lista de coisas deleitáveis”. Pois sim. Lá vai a minha, um pouco mais afunilada, com o som deleitável da casa – das coisas abomináveis eu quero é distância, já temos abominações demais com esta pandemia. Ouvidos abertos...

...ao vento, que arrasta as folhas secas do quintal, quando você se deita para dormir; ao “boa noite, meu bem”, dito pelo seu amor, que se esparrama na cama, ao seu lado, para mais uma noite de sono cotidiana; ao suave som produzido pelo gostoso cheiro na testa que você oferta ao seu amor, antes da noite de sono; ao último e intenso suspiro que vocês exalam antes de pegar no sono; aos ruídos do ventilador ou do ar-condicionado que embalam suas sonecas; ao rumor das ondas do mar, num sonho em que vocês se divertem na praia; ou às águas de uma cachoeira, que se derrama sobre as rochas e forma uma refrescante lagoa, onde vocês se sonham num banho, cheio de sorrisos; ao cricrilar distante dos grilos, que acalentam a noite da vizinhança; à sensação que você tem ao imaginar que o cricrilar é o cântico das estrelas; ao cantarolar dos galos, que informam o fim da madrugada; ao miadinho de cumprimento, o bom dia do gato Pisco, que vem te acordar; ao miadinho interrogativo que te pede cafuné e comida; à trincada dos dentes do Pisco, ao partir sua gostosa ração matinal; às águas da cachoeira portátil que é o bebedouro do gatinho; ao som refrescante das lambidas do Pisco saciando sua sede; ao “bom

dia, meu bem”, dito pelo seu amor, que se espreguiça na cama, ao seu lado, para mais uma manhã de sábado; ao suave som produzido pelo gostoso cheiro na testa que você oferta ao seu amor, depois do bom dia; às águas da ducha do banheiro, que se derramam, bem quentinhas, sobre as suas costas e sua cabeça e o seu sono; aos estalos dos seus ossos, em resposta às espreguiçadas que você dá sob o banho morno, enquanto se ensaboia; ao chiado dos cafunés que os seus dedos te fazem, quando você massageia a cabeça com xampu; ao aconchego das águas do chuveiro, que se derramam, bem morninhas, para levar embora as espumas da cabeça, do corpo e do sono; ao sorriso da sua mente, ao se perguntar — o que são as espumas do sono?; ao silêncio da cachoeira do banheiro, interrompida pelo giro metálico da torneira, que encerra o agradável banho; ao contato da toalha limpa e cheirosa com a cheirosa e molhada pele; ao spray do desodorante e ao roc-roc-roc da escova de dentes com o refrescante creme de hortelã; ao som do hálito de hortelã dentro dum último bocejo; aos passos que te levam até o armário, que te levam até a pia e depois até o fogão; à leiteira que é tirada do armário para se encher de água, água que será aquecida para depois virar uma caneca de café; às bolhas da água fervente; ao fio de água aquecida que se derrama sobre o pó do café, passa pelo filtro e goteja na caneca; ao sopro do seu amor, na caneca, antes de sorver o café; ao seu amor sorvendo o café; à voz do seu amor conversando sobre o que vocês farão este sábado; aos bem-te-vis cantando na árvore da calçada enquanto vocês decidem; ao “bora voltar pra cama e ficar lendo, a gente deitado?”; ao “boa, bora sim”, “a manhã todinha?”, “a manhã todinha!”; ao “antes, pega aí o bolo de cenoura pra gente comer um pedaço”; à inspiração satisfeita do seu amor com o perfume do bolo — sem cobertura; ao roçado das

cobertas da cama, ainda desferrada da noite anterior, que recobrem meio corpo seu e do seu amor, enquanto vocês se preparam para a leitura; ao passar das páginas do livro até o encontro do ponto de pausa da última leitura; ao “o meu tá pertinho do fim, acho que termino hoje, meu bem”; ao “o meu tá no começo, tava doido pra começar ele”; ao suave som produzido pelo gostoso cheiro na testa que você oferta ao seu amor, antes da leitura; ao passar das páginas que passam junto com os minutos da manhã sabática; ao marca-texto que rabisca a descoberta de uma frase que te revela; ao deslize do papel da página 20, ao se esfregar para a passagem à página 21; ao miadinho meigo do Pisco que sobe à cama para velar sua leitura; às lambidinhas do Pisco limpando as patas; ao bocejo e ao suspiro do Pisco, que precede o cochilo, apoiado com a cabecinha na sua canela esquerda; ao suspiro do seu amor, acompanhado do livro sendo fechado e jogado sobre a cama, sucedido de um “terminei!; ao “bom?”, “ótimo!”, “eita!”, “agora vou fazer igual ao Pisco”; ao suave som produzido pelo gostoso cheiro na testa que você oferta ao seu amor, antes da imitação do Pisco; ao marca-texto que rabisca mais uma descoberta de uma frase que te revela; ao teu suspiro, acompanhado do livro fechado e jogado sobre a cama, sucedido de um “depois eu continuo”; ao último e intenso suspiro que você exala antes do sono; ao sorriso que você sorri em sonho, ao sonhar com os leitores e sua própria lista de sonoridades deleitáveis.

Anthony Almeida

Fonte: Almeida (2022b).

Mesmo em seus escritos, Tuan ressaltou este aspecto. Para ele, as Artes, como a Literatura, destacam-se nessa concepção, pois

[...] a qualidade especial de uma fragrância, gosto ou toque não pode ser projetada numa cena pública que não seja através de meios pictóricos e linguísticos. Os artistas são admirados porque, em certo grau, podem objetificar sentimentos íntimos em uma pintura, uma escultura ou em palavras (Tuan, 2018, p. 5).

É nisto que acredito e venho trabalhando com esta pesquisa (Quadro 4). É por isso que invisto numa escrita que considero mais atraente. Uso o recurso na crônica, meus textos artísticos, e na prosa científica. A escrita deliberadamente adotada em primeira pessoa, neste artigo, é exemplo disso. Mais do que exemplo, é aspecto importante dos procedimentos metodológicos deste trabalho e um resultado, inclusive epistemológico, preliminar da pesquisa.

Nesta crônica, nota-se clara diferença entre os estilos de A., M. e o meu. Para eles o texto é construído a partir de uma narrativa, já o meu tem apenas um parágrafo narrativo, seguido de uma lista. O uso de recursos estilísticos, como se vê, altera a forma e o conteúdo do texto. A. e M. não são cronistas, sua escrita, portanto, é menos imbricada de técnicas de escrita mais elaboradas, aspecto presente nos textos de cronistas profissionais.

Eu sou cronista-geógrafo, cronista amador e trabalho para ser profissional (ou será que já sou?). O que sou, com certeza, é um pesquisador que se empenha em compreender como a crônica pode ser um recurso metodológico à Geografia. Com esta intenção, realizei um terceiro trabalho de campo exploratório. Nele, usei a crônica como recurso para registrar e refletir literariamente sobre minhas geograficidades num processo de migração de retorno.

A CRÔNICA COMO RECURSO PARA O REGISTRO DAS GEOGRAFICIDADES

Registrei algumas das minhas geograficidades em 61 crônicas. Nelas, lidas juntas, há um ensaio de minha jornada de migração. Sou pernambucano, a vida universitária me permitiu emigrar. Para estudar, me retirei a São Paulo. Vivi sete anos no Sudeste, de 2015 a 2022. Retornei ao Nordeste. Além de me aprimorar geógrafo, a retirada me fez cronista. Ver e viver o espaço como imigrante me fez escritor do cotidiano. Ao longo dos anos, tenho sido cronista de jornal, o *Tribuna Livre*, de Presidente Venceslau, e de uma revista, a *Mirada*, do Recife.

Retornei ao meu velho chão para, mais uma vez, estudar e reencontrar o meu lugar. As 61 crônicas produzidas foram feitas e pensadas entre julho e setembro de 2022, período da minha migração. Os textos, em parte significativa, foram publicados inicialmente nos dois periódicos citados e submetidos também a uma revista científica—até a escrita deste artigo, o trabalho estava em análise. Há, ainda, alguns textos inéditos, produzidos no caderno de campo da viagem e que ganharão o mundo num livro dedicado a guardar esta experiência.

Saí de Presidente Venceslau, oeste paulista, pousei na metrópole São Paulo, peguei o ônibus para Caruaru, agreste pernambucano, e rasguei o Brasil durante três dias. Voltei. De Caruaru, após reencontrar

Quadro 5 — Crônicas da migração de retorno. 2022.

RETORNANTE

(1.) Expresso 2022

Presidente Venceslau/SP. 29 jul. 2022

Começou a circular o expresso dois-zero-dois-dois

que parte direto com meu regresso e depois!
Começou a circular o expresso dois-zero-dois-dois:
litoral do Brasil.
E parte direto, de rumo certo,
pra depois do ano que auriu.

Vi passar o dois-zero-um-oito, o dois-zero-um-nove, o dois-zero-dois-zero, o dois-zero-dois-um... Foram-se. Enquanto eu via o último dobrando a esquina, decidi que não perderia o próximo. Me orientei, rapaz. Me orientei e decidi regressar; mirei o Cruzeiro do Sul; constatei que a aranha vive da teia tecida; considerei a possibilidade de um curso de pós-graduação; me orientei por céu e aracnídeo, decidi regressar.

A música me será boa companheira de viagem. Tomarei meu expresso 2022, de fones de ouvido, ao som do mestre Gilberto Gil, pois acolá fica a minha tal

"terra-mãe concebida
de vento, de fogo, de água e sal"

Tem também o Cordel do Fogo Encantado. Eles cantam com meu sotaque, têm boas letras sobre estradas.

"Meu povo não vá simhora
pela Itapemirim,
pois mesmo perto do fim
nosso Sertão tem melhora"

Voltarei pelo ônibus da Itapemirim, se ainda circularem. Depois de tantos anos de funcionamento, a peste da viação se envolveu numa

maracutaia, está quase falida, justo quando eu precisava dela para ir mimbora... Em Sampa, descobrirei se ela ainda faz a rota para Caruaru.

"Os retirantes já cruzaram meio mundo
eu fico aqui esperando outro batuque",

canta mais o Cordel. Por décadas os retirantes nordestinos migraram para o Sudeste, muitos pelos ônibus da Itapemirim. Quando vim ao Sudeste, vim de avião. Minha migração, espontânea, foi mais uma migração de cérebro do que uma retirada. Ainda assim, isso não me impediu de me sentir retirante em vários momentos, o que foi bom, me mostrou como é se sentir pertencente a um lugar.

Também foi dolorido... Numa festa de ano novo, eu sem dinheiro para voar para Pernambuco, decidi por uma celebração em que quase todos me eram desconhecidos. Fui porque uma das conhecidas insistiu, não queria me ver solitário na data simbólica. Na festa, fui chamado de retirante. O xenófobo ainda acrescentou que eu vim para São Paulo para beber a água dos paulistas... Doeu saber que todos os que cruzaram meio mundo tiveram que ouvir e sentir desse tipo de desprezo. Doeu.

Reconfortei meu íntimo ouvindo os batuques e os sotaques da música do Cordel do Fogo Encantado. Hoje, ouço os batuques e sei que

"o tempo faz estradas
para se chegar ao fim
nossa vida é feita assim:
na estrada
ÊÊÊ ÔÔÔ".

Grito o ÊÊÊ ÔÔÔ. Grito no anseio de pegar a estrada. Ela virá já, já.

(3.) Fala a companheira

Presidente Venceslau/SP. 01 ago. 2022

– Meu bem, eu tava pensando,
daqui uns dias,
eu que vou estar só no WhatsApp,
né?

(4.) Fala o gato

Presidente Venceslau/SP. 02 ago. 2022

– Você vai sentir saudades de mim, Pisco?
– Miau!
– Miau que sim ou miau que não?
– Miau!

(14.) Três ou quatro Tietês

São Paulo/SP. 08 ago. 2022

O meu Tietê, além de ser o rio poluído mais famoso de São Paulo, do Brasil e das aulas de Geografia, é um terminal de ônibus visto num cartão-postal. Sua alcunha: a maior rodoviária da América Latina.

Acrescentei ao meu Tietê, ainda, o Tietê de mais duas visadas: as viagens de minha mãe e o jornalismo literário de Vanessa Barbara. Chego ao terminal pela primeira vez e pesquiso as possíveis viagens e rotas que me levarão, que percorrerei até Pernambuco. Fundo estes três Tietês às minhas expectativas. A rodoviária já me era um lugar antes que eu o vivesse. Um postal dele me foi enviado por um

cartofilista. Alguém de meu afeto já o havia vivido. A repórter que me fez acreditar que uma prosa feita em crônica podia ser, além de literária, jornalística e científica, já o havia vivido.

(Vanessa Barbara escreveu a sua reportagem como Trabalho de Conclusão de Curso da graduação em jornalismo. Para findar a faculdade, trataria do terminal rodoviário do Tietê, decidiu. Mais do que uma reportagem, a formanda queria experimentar no estilo. Sua segunda decisão: escrever uma série de crônicas sobre o lugar.

Se a crônica é um híbrido entre literatura e jornalismo, que seu trabalho fosse um sincretismo de jornalismo e literatura — e, aqui, a ordem dos termos altera o resultado. Para fazê-lo, Barbara usou a informação do jornalismo, a prosa perene, estilo da literatura, e a metodologia qualitativa, com observação participante e história oral, da ciência. Formou-se.

Cinco anos depois, em 2008, revisitou o texto e o terminal para publicar seu trabalho em livro. 'O livro amarelo do terminal', impresso em papéis que simulam as passagens de ônibus, nasceu, ganhou o mundo e um Prêmio Jabuti, em 2009. Conheci-o em 2016, quando a crônica me era companheira de viagem. Devorei-o em poucos dias, talvez três ou quatro).

Antes de chegar ao Tietê, procuro o postal, ouço a minha mãe sobre suas experiências, releio Vanessa. O cartão, perdido numa caixa com outros postais brasileiros, continua perdido. Minha mãe conta que "é gente demais, correndo pra lá e pra cá, sem tempo", que "ninguém sabe que direção tomar, vão pra um lado, pra outro, não param pra nada". A cronista me acrescenta: "de fato, muitos pernambucanos, baianos, peruanos ou mineiros perderam-se há algum tempo em São Paulo e continuam deslocados, reprimindo a cada dia o desejo de voltar para casa".

Postal, procurarei um novo em alguma loja do terminal. Minha mãe, eu sei exatamente que direção tomar. Você mesma já me disse, vezes e vezes, que a gente nunca erra o caminho de volta para casa. Vanessa, perdi-me por alguns anos em São Paulo, sim. Reprimi o meu desejo de voltar para casa. Não reprimo mais. Minha vinda é minha libertinagem.

Entro na rodoviária, abandono meu Tietê imaginado, desejado. Meu Tietê de anseio torna-se real. Depois que cruza a catraca, do metrô ao terminal interestadual, é o fim do sonho.

(24.) **Já tô viajando**

Campinas/SP. 19 ago. 2022

— Olhe, já tô viajando, já, viu? Não é pra contar pra ninguém que eu tô indo que é pra fazer surpresa, tá certo? — recomenda pelo WhatsApp, mais uma vez, a passageira 29.

— Tá bom, mãe, ninguém quer saber de surpresa não, quer saber é de chegar vivo! — retruca, com rispidez, o rapaz da poltrona 30, a do corredor.

A mãe se preocupa em avisar aos seus. Ele perde a paciência com a repetição dos recados... Paciência que poderia ensiná-la a encaminhar a notícia, numa única mensagem de áudio, para várias pessoas ao mesmo tempo.

Sua decisão é a de amarrar a cara e de não a ensinar. Ela, então, segue com seus informes para outras pessoas que lhe importam.

— Já tô viajando, já, viu? Um abraço!

A mulher desiste de falar da surpresa, mas segue avisando aos seus.

— Já tô viajando, viu? Um abraço!

Nosso ônibus segue rasgando Campinas, a primeira das paradas da viagem.

— Já tô viajando, já, viu? Um abraço!
Entramos num túnel.

— Já tô viajando, viu? Um abraço!
Saímos do túnel

— Já tô viajando, já, viu? Um abraço!
Seguimos.

— Já tô viajando, viu? Um abraço!
Enquanto ela envia mais áudios...

— Já tô viajando, já, viu? Um abraço!
Ele bufa. Depois, reclama:

— Tá bom, mãe! Vai avisar à família todinha, é?

Avisará, sim, rapaz. É claro que avisará. Minha mãe até que me avisou para ter cuidado, prestar atenção nos horários do ônibus. Eu é que me descuidei e perdi o ônibus do dia 18. Meu embarque teve que ser feito nesse dia 19.

Perdi a janela da poltrona 3, que havia escolhido com desejo, eu queria toda a paisagem da jornada. Vou, agora, nesta poltrona 33 e escuto os recados da tua mãe. Ela me lembra de avisar à minha.

— Já tô viajando, já, viu, mamãe? Um cheiro!

(53.) **Já, já**

Itaporanga d'Ajuda/SE. 21 ago. 2022

— Agora vai, depois dessa baixada a gente vai tá perto de Aracaju! —
celebra o 39.

Aproveita, inclusive, para se despedir dos companheiros de viagem. Mesmo depois de quarenta anos sem vir à capital sergipana, ele ainda sabe para que lado ficam alguns bairros.

— Já, já sou eu quem vou descer também, em Maceió — diz o passageiro 40.

— Já, já uma porra, tá é longe ainda! — retruca o 39.

— Tá nada! Longe tava era lá em São Paulo. Eu já tô no Nordeste. Tô é perto.

Verdade, passageiro 40. Estamos perto!

(60.) **Chegada**

Caruaru/PE. 22 ago. 2022

Despacho minha bagagem, tiro-a do porta-malas do ônibus e a levo até o saguão da rodoviária. Cheguei. Sei bem onde estou. Sei que, se eu for para a esquerda, verei um mirante que me mostrará a paisagem do centro de Caruaru, o Morro Bom Jesus em destaque.

Os ônibus que chegam e saem são de empresas conhecidas. Do comércio do terminal, algumas das lojas ainda resistem, outras fecharam e eu as conheço, sei quais e onde são. A Itapemirim daqui tinha dois guichês, um fechou, o outro foi ocupado por uma nova empresa.

Ainda é escuro, são 04h44min, e espero clarear. Quando amanhecer, seguirei para casa. Lá, usarei novamente a chave que levei no meu molho por anos sem usar. Reencontrarei os meus pais e acabaremos com as saudades de muitas maneiras diferentes.

Numa delas, contarei sobre como foi a viagem. Cidade por cidade. História por história. Causo por causo descrito num caderninho. O último ponto da viagem será este, a rodoviária de Caruaru. Contarei ao meu velho pai:

— Quando eu cheguei na rodoviária daqui, fiquei esperando amanhecer. Aí, com pouco, chegou um homem. Ele entrou no terminal meio apressado, olhou prum lado e pro outro e me achou com os olhos. Veio chorando pro meu lado.

— Oxe, e foi? Estranho...

— Foi.
— E por que ele fez isso?
— Porque tava com saudade, aí veio me abraçar.
— Oxe, era eu, né?
— Era sim!
Sorrindo, ele me abraçará de novo.
— Depois chegou uma mulher chorando e veio me abraçar também.
— Tua mãe!
— Exato!
Sorriremos novamente. Estaremos em casa.
Anthony Almeida

Fonte: Almeida (s.d.). 2022.

a família, parti para o Recife, capital estadual, minha nova casa e lugar do meu presente–futuro. Os textos, assim, foram resultado do meu movimento e têm a intenção de transportar à Literatura o meu percurso e as minhas vivências no espaço.

No quadro 5, adiante, reúno alguns dos textos para demonstrar como um migrante vive e sente este processo. Um aspecto importante do trabalho de campo é que ele traz novos elementos para a pesquisa. Inicialmente, minha intenção era registrar as minhas vivências e sensações. Mas, a interação entre os passageiros, que se tornaram personagens, e a interação deles comigo, me revelaram outros aspectos significativos deste processo.

As crônicas do quadro 5 transcrevem as minhas vivências — e de alguns passageiros — em momentos importantes de uma jornada como esta. Em 1., a expectativa antes da partida. Em 3. e 4., aquilo que se abandona se evidencia. Em 14. e 24., a compra da passagem, o embarque, a viagem. Em 53., a expectativa pela chegada se articula

à sensação de pertencimento. Nas palavras do passageiro 40: “Longe tava era lá em São Paulo. Eu já tô no Nordeste. Tô é perto”. Em 60., a chegada e o que se ganha com o novo lugar.

Analisar as nuances das crônicas trazidas aqui, visto que apontei poucos aspectos delas, é um esforço que deve ser feito. Este empenho heurístico gerará reflexões além–metodologia. Pensar a crônica na Geografia exige reflexões ontológicas e epistemológicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O primeiro resultado deste artigo é o reforço do campo exploratório como metodologia. Explorei meu objeto em três e, deles, recorri ao recurso, mesmo que a pesquisa tenha conteúdos não totalmente dotados de espacialidade, caso da geografia literária.

No primeiro trabalho de campo, segui as recomendações de Ribeiro (1999) e me contaminei com o meu objeto de interesse — depois tornado objeto de pesquisa. De início, recorri à crônica como forma de expressão. Logo percebi o diálogo que, por meio dela, eu conseguiria travar com o espaço. Neste artigo, destaquei a personalidade, a observação do cotidiano, a experiência vivida e o uso da memória. Outros aspectos podem ser explorados. A busca deles é um dos encaminhamentos resultantes. Outro produto é a percepção de que, via crônica, é possível se usar das próprias geosofias para se fazer a escrita dos lugares.

O segundo campo exploratório, bem mais ferramental e extensionista, além de mostrar que a crônica pode ser usada para a escrita dos lugares, revelou que este recurso pode ir além das minhas próprias vivências. A criação e aplicação de uma oficina, logo, uma prática, permitiu que inúmeros aspectos do tema de interesse fosse tratado por diferentes sujeitos. Destaco, inclusive,

o trabalho de campo dentro do trabalho de campo, o passeio pelo Centro de Presidente Venceslau. Os lugares transcritos pela crônica dos participantes ganharam mais uma camada de significado por causa da atividade de escrita sobre eles. A própria escrita da crônica, assim, é uma experiência que provoca a lugarização do espaço.

No terceiro trabalho de campo exploratório, por fim, e em diálogo com os outros dois, o exercício da escrita se mostrou importantíssimo para a compreensão do lugar e das geografidades. Ao longo dos três trabalhos de campo, sete anos de experimentações se passaram. Nesse tempo, tanto eu quanto M., sobretudo eu, tivemos a oportunidade de aprimorar a nossa escrita científica por meio do exercício da escrita literária. Resultado disso, neste trabalho, usei de técnicas da escrita literária para a melhor comunicação na escrita científica. Além disso, todo o processo me levou a experimentar o diálogo Geografia-Literatura não apenas para o estudo da crônica e do lugar. Experimentei a exposição de um tema de pesquisa classicamente geográfico — a migração — de forma literária.

Leitor/a, espero que a leitura deste artigo tenha sido a mais agradável possível. Se foi, este é mais um dos resultados positivos deste trabalho. Esta, que fique claro, foi uma das intenções da elaboração e da escrita dele. ☉

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Anthony. Um flâneur venceslauense. **Jornal Tribuna Livre**. Presidente Venceslau. 11 set. 2021. p. 2.
- ALMEIDA, Anthony de Padua Azevedo. **Crônicas do meu lugar**: reflexões didáticas sobre Geografia e Literatura. Banzeiro – II Encontro de Geografia Cultural e Humanista da Amazônia. [Apresentação de comunicação oral]. Belém, 2022a.
- ALMEIDA, Anthony. **Sonoridades deleitáveis da casa**. *Jornal Tribuna Livre*. 17 fev. 2022b. Disponível em: <https://www.tribunalivreppv.com.br/news.php?coluna=sonoridades-deleitaveis-da-casa>. Acesso em: 17 fev. 2023.
- ALMEIDA, Anthony. **Um pé lá, outro cá**. São Paulo: Aboio, 2023.
- ALMEIDA, Anthony. **Retornante**. [No prelo], s. d.
- BROSSEAU, Marc. Geografia e Literatura. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007a. p. 17-77. [original de 1996].
- BROSSEAU, Marc. In, of, out, with, and through: new perspectives in literary geography. In: TALLY JR. Robert. **The Routledge Handbook of Literature and Space**. New York: Routledge, 2017. p. 9-27.
- CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: ANDRADE, Carlos Drummond de; SABINO, Fernando; CAMPOS, Paulo Mendes; BRAGA, Rubem. **Para gostar de ler**. v. 5. São Paulo: Ática, 1980. p. 4-13.
- CAVALCANTE, Tiago Vieira. **Geografia literária em Rachel de Queiroz**. Fortaleza: Edições UFC, 2019.
- COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- CRESSWELL, Tim. **Reflections on Yi-Fu Tuan**. 13 ago. 2022. Disponível em: <https://timcresswell.net/reflections-on-yi-fu-tuan/>. Acesso em: 17 fev. 2023.
- DARDEL, Eric. **O Homem e a terra**: Natureza da realidade Geográfica. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015. [publicado originalmente em 1952].
- ELKIN, Lauren. **Flâneuse**: mulheres que caminham pela cidade em Paris, Nova York, Tóquio, Veneza e Londres. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Fósforo, 2022.

Crônicas do meu lugar: reflexões metodológicas sobre Geografia e Literatura
Anthony de Padua Azevedo Almeida

FENDRICH, Henrique. Clarice Lispector descobre a crônica. **RUBEM**. 10 dez. 2020. Disponível em: <https://rubem.wordpress.com/2020/12/10/claricelispectordescobreaacronica/>. Acesso em: 07 jul. 2022.

FERNANDES, Felipe Moura. Uma imagem da produção em Geografia e Literatura no Brasil. **Revista da Anpege**, v. 16, n. 31, 2020.

GOMES, Rodrigo Dutra. Problemas epistemológicos nas teses de Ciências Humanas no Brasil. In: SILVESTRE, Luciana Pavowski Franco (org.). **Estado e sociedade frente às questões sociais**. Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. p. 282-290.

HONES, Sheila. **Literary Geography**. New York: Routledge, 2022.

JORNAL TRIBUNA LIVRE. **Professor do Venceslauense realiza oficina de crônicas com alunos do colégio**. Presidente Venceslau. 30 e 31 out. 2022. p. 4.

LISPECTOR, Clarice. Um amor conquistado. In: WERNECK, Humberto (Org.). **Suplemento Literário de Minas Gerais**. Edição especial, nov. 2012. p. 24-25.

MARANDOLA JR., Eduardo; OLIVEIRA, Livia de. Geograficidade e espacialidade na literatura. **Geografia**, Rio Claro, v.34, n.3, 2009.

MARIA, Antônio. **Vento vadio**: as crônicas de Antônio Maria – pesquisa, organização e introdução de Guilherme Tauil. São Paulo: Todavia, 2021.

RIBEIRO, Renato Janine. Não há pior inimigo do conhecimento que a terra firme. **Tempo Social**. São Paulo, 1999. p. 189-195.

SÁ, Jorge de. **A Crônica**. São Paulo: Ática, 1985.

SIMON, Luiz Carlos. **Duas ou três páginas despretensiosas**: a crônica, Rubem Braga e outros cronistas. Londrina: Edue, 2011.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

TAUIL, Guilherme. **Vento vadio**: estudo sobre as crônicas de Antônio Maria. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. São Paulo, 2020, 133f.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983. [publicado originalmente em 1977].

TUAN, Yi-Fu. Lugar: uma perspectiva experiencial. **Geograficidade**, v.8, n.1, Verão, 2018. [publicado originalmente em 1975].

TURRA NETO, Nécio. Metodologias de pesquisa para o estudo Geográfico da sociabilidade juvenil. **RA' E GA**. v. 23, 2011. p. 340-375.

Submetido em dezembro de 2023.

Revisado em janeiro de 2023.

Aceito em março de 2024.